

Donald Pierson e o desenvolvimento da Sociologia no Brasil

Neste volume em homenagem ao meu querido amigo e colega Thales de Azevedo, gostaria de escrever sobre a personalidade e a obra do homenageado, recapitulando suas contribuições ao estudo de relações raciais, do Catolicismo popular e do desenvolvimento urbano, no Brasil; seus trabalhos didáticos de Antropologia e Sociologia; sua prolongada e eficiente atuação como professor; sua presença assídua e ativa em reuniões científicas nacionais e

internacionais; o estilo sério e meticoloso, ao mesmo tempo que modesto, de seu trabalho. Entretanto, embora conheça praticamente todas as suas publicações, já não disponho de muitas delas e nem consegui reuni-las em tempo suficiente para proceder a uma análise retrospectiva, de modo a discriminar as etapas de desenvolvimento de seu pensamento, com os interesses, pontos-de-vista, perspectivas teóricas e influências que as marcaram. Deixo, pois, aqui,

apenas consignada a primeira intenção com que recebi o honroso convite para contribuir para este volume, certo de que outro modo condigno de homenageá-lo será lembrar, neste ensejo, a atuação de um amigo comum de quem ambos recebemos tão considerável influência direta e indireta: Donald Pierson.

Ao se encerrar o ano de 1969, completavam-se 30 anos letivos desde que Donald Pierson iniciou sua atividade docente, na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, em 1940. Antes, estivera êle na Bahia (1935-1937), realizando o trabalho de campo para aquela que seria a principal obra de pesquisa de toda a sua carreira: *Negroes in Brazil, A Study of Race Contact at Bahia* (The University of Chicago Press, 1942), traduzida para o português sob o título *Branços e Pretos na Bahia, Estudo de Contacto Racial* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945). Com esta obra, o autor obteve o grau de doutor pela Universidade de Chicago, e recebeu o prêmio "Anisfield", de 1942, concedido, nos Estados Unidos ao "melhor livro científico e erudito publicado neste ano no campo das relações raciais".

Com poucas e pequenas interrupções para rever seu país, Donald Pierson exerceria sua atividade em São Paulo por 14 anos (1940-1954).

Embora alguns brasileiros como Gilberto Freyre e Artur Ra-

mos já trabalhassem em contacto íntimo com as modernas ciências sociais norte-americanas, especialmente com a Antropologia cultural, foi, sem dúvida Donald Pierson, o grande introdutor das mesmas no Brasil, através de uma atividade multiforme que abrangeu o ensino, o desenvolvimento da biblioteca, o trabalho editorial, a pesquisa, a consulta pessoal, a correspondência e o modo de organizar o próprio trabalho.

Donald Pierson era um trabalhador obsessivo e compulsivo que empregava praticamente todo o seu tempo de vigília na execução de suas tarefas: até as horas de refeição, as reuniões sociais e recreativas que realizava com certa frequência, serviam de ocasião para observação, pesquisa, consulta, ação educativa. Era de absoluta pontualidade e assiduidade em seus compromissos; e sendo excepcionalmente organizado anotava-os dia a dia, com indicação de hora e local e jamais assumia qualquer outro sem consultar sua agenda. Em tudo isso, contava com a colaboração essencial de sua esposa, Helen Battchelor Pierson, diligente e incansável secretária.

Extremamente exigente para consigo mesmo, era-o também em relação a seus alunos e colaboradores, o que, certamente, gerou muita ambivalência afetiva nas relações imediatas, com muitos dissabores de parte a parte; porém, sua retidão, sua paciência, seu senso de solidariedade humana e seu interesse genuíno no desenvolvimento

profissional e pessoal de seus discípulos e de quantos procuravam sua ajuda eram traços que faziam que se rendessem à sua influência os que dêle se aproximavam. Sempre que vejo os ex-alunos que com êle trabalharam como auxiliares ou assistentes de pesquisas e ensino e que depois se projetaram como pesquisadores e professores, surpreendo-me a identificar nêles hábitos, gestos, atitudes, posturas e estilos de comportamento que me evocam imediatamente a imagem de Donald Pierson. Creio que todos nós — pois trabalhei com êle como aluno-bolista, como assistente de pesquisa e ensino e, posteriormente, como colaborador — de um modo ou de outro, introjetamos sua imagem como a de um pai intelectual. Sei, mesmo, de um colega que, como êle não teve filhos, e que estabeleceu com a espôsa um tipo de complementação profissional de impressionante semelhança com a que caracterizava o casal Pierson.

Tendo convivido diariamente com Donald Pierson por mais de cinco anos consecutivos, como aluno, auxiliar de pesquisa e assistente de ensino, ajudando-o na redação de correspondência e de artigos, no trabalho de tradução e de supervisão de traduções, no atendimento de alunos e de outras pessoas que o procuravam, posso dizer por experiência própria que êle dava ao seu relacionamento com os discípulos o sentido de uma atuação educativa integral: não informava, apenas, sôbre teorias

e conceitos; não treinava, apenas no uso de métodos e técnicas de pesquisa; fazia questão de conhecer seus problemas pessoais de discuti-los discretamente com cada interessado, de contribuir para sua solução; expunha seus pontos-de-vista sôbre os problemas humanos em geral; sugeria hábitos alimentares, recomendava leituras, auxiliava na aprendizagem do inglês, corrigia sestros. E também fazia questão de ser corrigido cada vez que cometia um êrro de gramática ou de pronúncia em seu esforço por dominar o português que chegou a falar fluentemente embora sempre com um sotaque caracteristicamente anasalado.

Do ponto-de-vista moral e ético era um homem irrepreensível. Tendo um interêsse especial em estudos de relações raciais por exemplo nunca surpreendi nêle a menor atitude ou pronunciamento que traisse qualquer sombra de preconceito. Era religioso, porém sem estar ligado a qualquer organização religiosa específica e sem freqüentar qualquer modalidade de culto. Era profundamente respeitoso em relação a qualquer sistema de crença e sempre repetia que entendia a religião mais como um modo de viver que como um modo de crer.

Sendo de irrepreensível responsabilidade tinha o direito de ser exigente com os discípulos e colaboradores e se descartava sem cerimônia dos tratantes e impontuais. Notava sempre a ausência das pessoas nas aulas,

no trabalho ou nas reuniões para as quais as convidava, não compreendendo que alguém pudesse faltar sem se justificar.

Empenhava-se sempre em melhorar a instituição em que trabalhava, sua organização, seu currículo, porém, sempre com otimismo. Lembro-me de que certa vez alguém comentava com desânimo o fato de ser mínimo o número de alunos que chegavam até a última série do curso de bacharelado da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Ele replicou que era preciso fazer esforço para recrutar e reter até o fim maior número de alunos porém, que, "mesmo um já era um número positivo".

Constatando a carência de professores para muitas das disciplinas que já faziam parte do currículo da Escola ou cuja instituição ele preconizava, costumava dizer que uma pessoa não precisava ser uma sumidade em dado campo para que alguém pudesse aprender com ela, bastando que soubesse mais do que aquela a quem iria ensinar. Mas ao mesmo tempo procurava recrutar os melhores candidatos para as bolsas que patrocinava.

Dentre os alunos que com ele trabalharam em períodos sucessivos podem ser citados Cecília Maria Sanieto, Darcy Ribeiro, Juarez Rubens Brandão Lopes e Levi Porfírio da Cruz. Frequentaram suas aulas do bacharelado, seu seminário de métodos e técnicas de pesquisa e foram seus alunos no curso de pós-graduação, entre outros,

Florestan Fernandes, Lucila Herrmann e Gioconda Mussolini.

Exporei, em seguida, resumidamente, sua atuação em cada um dos setores mencionados acima.

ENSINO

No tocante ao ensino, devo discriminar sua atuação nos níveis de graduação e pós-graduação, no seminário extracurricular de métodos e técnicas de pesquisa social, na reorganização curricular da Escola de Sociologia e Política e em cursos de extensão e conferências.

ENSINO SUBGRADUADO

A Escola de Sociologia e Política de São Paulo foi fundada em 1933. Por ela já se haviam formado quatro turmas de bachareis e nela já haviam lecionado vários professores estrangeiros, inclusive o norte-americano Samuel Lowrie, embaixador protestante, que vivera em diferentes partes do mundo, inclusive na China, onde expendera cinco anos, e que se encarregou do ensino de Sociologia, nessa primeira fase, quando Pierson chegou para assumir o lugar que ficava vago com o seu retorno aos Estados Unidos. A Lowrie também já se deviam algumas pesquisas, especialmente o primeiro levantamento de padrão de vida feito em São Paulo e que serviu de base para o lançamento do índice municipal de custo de vida.

O curso de bacharelado era dado em apenas três anos, com uma diversidade de matérias que incluíam Sociologia, Etnologia, Antropologia, Serviço Social, Psicologia, Psicanálise, Psicotécnica, Economia, História das Doutrinas Econômicas, Finanças Públicas, Contabilidade, História Econômica do Brasil, História das Doutrinas Políticas, Educação Nacional, Fisiologia e Higiene do Trabalho, Biologia Social (especialmente Genética) e Estatística.

A escola funcionava e continuaria a funcionar até 1954, no Largo de São Francisco, em instalações cedidas a título precário pela Escola de Comércio Álvares Penteado, e vivia em penúria financeira, só não tendo deixado de existir por teimosia do secretário e, mais tarde, diretor, Ciro Berlinck, e dos professores que em geral, ou nada ganhavam ou tinham remuneração simbólica, e entre os quais figuravam intelectuais de renome como Antônio Ferreira de Almeida Júnior (Higiene e Fisiologia do Trabalho), Raul Briquet (Educação Nacional), Roberto Mange (Psicotécnica), Noemy da Silveira Rudolfer (Psicologia), Durval Marcondes (Psicanálise) e Antônio Piccarolo (Economia, História das Doutrinas Econômicas e História das Doutrinas Políticas).

Esse currículo variado e ministrado por professores, em sua maior parte, conhecedores das respectivas matérias e didáticas era altamente estimulante e dava grande versatilidade aos que

o completavam, numa época em que nosso ensino superior era ainda muito pouco diversificado e em que havia no país pouquíssimas profissões de nível superior regulamentadas. Assim, do bacharelado da Escola de Sociologia e Política, em seus primeiros anos de funcionamento, saíram psicotécnicos, psicanalistas, economistas, estatísticos, alguns dos quais foram dos primeiros profissionais desses campos, em São Paulo. Apesar de seu nome, o que a escola menos formava era, provavelmente, sociólogos.

Desde o início de sua atuação na escola, um dos efeitos da presença de Pierson foi justamente a ênfase na formação de sociólogos, sem prejuízo da diversificação curricular.

Dando aulas diárias de Sociologia e de métodos de pesquisa social, chamando constantemente os alunos para entrevistas pessoais, atendendo-os com o maior interesse sempre que o procuravam e sendo ele o único professor de tempo integral da instituição, logo se tornou ele, de fato, o seu diretor técnico.

ENSINO PÓS-GRADUADO

Foi por sua iniciativa que, a partir de 1942, a Escola passou a manter o Departamento de Ensino Pós-graduado de Sociologia e Antropologia, que se propunha a conferir o grau de mestre em ciências, após um mínimo de créditos, calculado para no mínimo dois anos de curso regular e sob a condição de

apresentação de uma tese baseada em pesquisa semi-independente.

O curso foi um sucesso, pois na sua primeira turma de professores, além do próprio fundador e diretor, contava com gente da envergadura de Radcliffe-Brown, convidado para vir lecionar na Escola, enquanto a Universidade de Oxford tinha suas atividades perturbadas pelos bombardeios alemães, Emílio Willems e Herbert Baldus que já eram, ambos, professores do curso subgraduado.

A primeira turma de mestres somente se graduou em 1945, após dois a quatro anos de curso regular. Éramos apenas três: Virgínia Leone Bicudo, Gioconda Mussolini e o autor destas linhas. Da segunda turma, saída no ano seguinte, fizeram parte Florestan Fernandes, Lucila Herrmann e Noêmia Ipólito.

O curso era parcelado, dependendo o tempo para a conclusão dos créditos acumulados e do término da tese.

SEMINÁRIO DE MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA SOCIAL

A partir de 1941, Donald Pierson passou a dirigir um Seminário de Métodos e Técnicas de Pesquisa Social, que funcionou por anos seguidos, em sessão noturna de duas horas consecutivas, em dia certo da semana. Era um seminário extracurricular, para o qual eram convidados tanto alunos do subgraduado como estranhos à insti-

tuição e, mais tarde, estudantes pós-graduados. Os participantes eram obrigados a realizar todas as tarefas que o diretor lhes desse, porém, não havia nota nem promoção.

Esse seminário, no qual havia exposições sobre métodos e técnicas pelo próprio fundador, resenhas de livros e artigos e relatos sobre pesquisas em andamento pelos participantes ou por convidados, durou anos, sob a direção de Pierson e, depois, foi herdado por mim que lhe dei prosseguimento por mais alguns anos.

Se tomarmos a palavra "curso" no sentido de uma sucessão de aulas (puramente expositivas ou sob a forma de debate, como era o estilo deste seminário de que estamos falando), poderei dizer, pessoalmente, que foi esse o curso mais *sui generis* e estimulante de que já participei, seja como aluno, seja como orientador. Era como um veículo coletivo (um "bonde") que se podia tomar em movimento. Sempre que havia vaga, Pierson convidava algum interessado para preenchê-la, fosse qual fosse o período do ano. Assim, o grupo incluía desde alunos subgraduados, de diferentes séries, até pós-graduados e interessados estranhos aos cursos regulares da escola, desde os que vinham seguindo a partir da instalação até os recém-ingressos. Essa heterogeneidade contribuía para tornar o seminário mais estimulante, pelo imprevisito das interferências nos debates, e pela oportunidade que

criava de aprenderem os participantes uns com os outros, numa atmosfera de extraordinário respeito mútuo.

Houve pessoas que freqüentaram esse seminário por anos a fio, enquanto outras dêle participaram apenas por alguns meses. Quem não tinha possibilidade de assiduidade não podia prosseguir, pois esta era uma condição *sine qua non* para dêle se fazer parte.

Entre as pessoas que freqüentaram o Seminário de Métodos e Técnicas de Pesquisa Social por mais tempo, podem ser lembrados, além do autor dêste artigo, Florestan Fernandes, Cecília Maria Sanioto, Virgínia Leone Bicudo, Rudolf Lenhard, Darcy Ribeiro, Levi Cruz, Juares Rubens Brandão Lopes, Noêmia Ipólito, Gioconda Muscolini, Lucila Herrmann.

Além de ter sido muito importante para a formação teórica e metodológica dos participantes, o seminário foi um verdadeiro meio de socialização para a pesquisa, tendo criado entre os mesmos hábitos de convivência e comunicação.

REORGANIZAÇÃO CURRICULAR DA ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA

A medida em que foi formando discípulos e em que êstes foram retornando dos Estados Unidos, após usufruírem por dois ou três anos bôlsas de pós-graduação arranjadas por êle, Pierson foi desdobrando o ensino de Sociologia e Antropologia, através de seqüências de disci-

plinas, umas semestrais, outras anuais, cujo encargo foi dividindo com os mesmos.

Esse processo culminou, depois de 1946, com a extensão do curso de bacharelado para quatro anos.

A seqüência completa de Sociologia, decalcada na classificação de Park das disciplinas pré-sociológicas e sociológicas, veio a abranger Introdução à Sociologia, Ecologia Humana, Organização Social, Desorganização Social, Psicologia Social, Comportamento Coletivo.

A noção de "seqüência" se estendeu a outros campos e logo se verificou que escola contava, em seu bacharelado, com várias seqüências, além da de Sociologia: de Antropologia, Psicologia, Economia, além de várias disciplinas que não se encaixavam em nenhuma das seqüências mais ou menos completas.

Alunos avulsos, isto é, não interessados em preencher todo o currículo do bacharelado, passaram a ser admitidos para cursarem uma ou mais seqüências em que estivessem interessados, conferindo-lhes a escola certificados de "conclusão de seqüência". De alunos graduados em outras instituições ou cursos e que desejavam fazer a pós-graduação em Sociologia e Antropologia, veio-se a exigir a critério da direção do Departamento de Estudos Pós-Graduados, que fizessem determinadas seqüências completas e as disciplinas introdutórias de outras, fôsse como condição prévia para o ingresso no Departamento, fôs-

se paralelamente com o curso pós-graduado.

Assim, graças à sugestão de Pierson, foram instituídas disciplinas semestrais e, se não me engano, até algumas trimestrais, no bacharelado da Escola; porém o Ministério da Educação da época, ultracentralizador e avêso a inovações, sustou essa novidade.

Como o ensino pós-graduado parecia fora da alçada e do interesse do Ministério, o Departamento de Ensino Pós-Graduado foi um campo aberto para inovações, em geral inspiradas na experiência de Pierson, da Universidade de Chicago. Aí, foi instituído, plenamente, o sistema de crédito, e as disciplinas ou assuntos (*courses*) podiam ser trimestrais, semestrais ou anuais, a critério dos professores e da direção do Departamento. E, pelo menos nos primeiros anos, tal sistema funcionou com grande eficiência.

Convém lembrar aqui que a Escola de Sociologia e Política de São Paulo somente foi reconhecida pelo Ministério da Educação em 1946 e que, sendo uma instituição sem "padrão" precedente no país, foi, em seus primeiros anos de existência, de uma flexibilidade sem par entre nós.

CURSOS DE EXTENSÃO E CONFERÊNCIAS

Outra esfera em que Donald Pierson foi bastante ativo foi a dos cursos de extensão e conferências. Dava cursos de Socio-

logia ou de métodos de pesquisa em São Paulo ou em outros centros, a convite de instituições de ensino, de centros acadêmicos e de diferentes associações, somente não aceitando tais convites quando as obrigações regulares ou compromissos já assumidos o impediam. Via nos cursos e conferências que ministrava um modo de contribuir para que se criasse no País um ambiente favorável ao desenvolvimento da Sociologia e da atividade correlata de pesquisa.

BIBLIOTECONOMIA

O que desejo assinalar aqui é o papel que teve Donald Pierson no desenvolvimento da biblioteca da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Constatando a pobreza desta e a inexistência de qualquer outra biblioteca atualizada de ciências sociais em São Paulo, empenhou-se imediatamente em dotar a Escola desse recurso, para tanto conseguido dotações sucessivas de várias fundações e orientando sua aplicação na aquisição de livros e periódicos por êle relacionados. Graças a êsse esforço, a biblioteca da Escola de Sociologia e Política de São Paulo foi, por alguns anos, a mais atualizada e mais completa do ramo, não apenas em São Paulo, porém em todo o País.

A essa biblioteca recorriam não apenas os professores e alunos da própria Escola, mas também professores e alunos de outras instituições locais e os interessados em geral, pois que se

tratava de biblioteca inteiramente aberta e, talvez, a primeira de São Paulo a dar acesso direto às estantes, ao público interessado.

Criou-se, assim, na Escola de Sociologia e Política de São Paulo uma tradição de leitura por parte dos alunos que, segundo estou informado, ainda perdura, e que, juntamente com o modo de relacionamento entre docentes e discentes, foi um dos característicos dessa instituição como ambiente acadêmico inovador, estimulante e fecundo.

Tenho a impressão de que a renovação dos estudos sociológicos, na França, por influência das ciências sociais norte-americanas se fez, em parte, via Brasil: alguns dos professores franceses que vieram para São Paulo antes da guerra e que, depois do conflito, retornaram a seu país, foram freqüentemente assíduos da biblioteca da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, já enriquecida graças à atuação de Donald Pierson.

O TRABALHO EDITORIAL

Tendo trazido para São Paulo sua biblioteca particular, Pierson passou logo a providenciar a tradução de capítulos e artigos cuja leitura considerava essencial e a fornecê-los, como apostilas mimeografadas, aos alunos. Lembro-me de que, já no segundo ano, essas apostilas subiam a mais de uma centena. Aos poucos foram sendo conhecidas fora do círculo dos alunos, sendo procuradas por professô-

res, estudantes e outros interessados, tanto de São Paulo como de outros pontos do País.

Paralelamente, Pierson ia escrevendo seus próprios artigos — as aulas e conferências que dava — e os ia publicando ora na *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, ora em *Sociologia*, ora em outros periódicos que solicitavam sua colaboração.

Alguns desses artigos foram reunidos em *Teoria e Pesquisa em Sociologia*, livro didática cuja primeira edição saiu em 1945, pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, e que já está na 11.^a edição (1968).

Além disso, fez traduzir uma série de livros básicos, aos quais juntou duas coletâneas das apostilas que havia organizado, e assim instituiu a série Biblioteca de Ciências Sociais, que foi editada pela Livraria Martins, de São Paulo. Para cada um desses livros obteve ajuda de uma fundação, para custear a tradução e adquirir meio milheiro de exemplares da primeira edição, de modo a diminuir os riscos da editora. Esses 500 exemplares eram distribuídos a bibliotecas de instituições de ensino, bibliotecas públicas, professores e outros interessados.

Os livros então publicados até hoje são altamente procurados por estudantes e professores. Para justificar essa procura basta relacioná-los aqui, o que farei dando o ano da edição, não me constando que tenha sido reeditado senão o de Linton: 1. Ralph Linton, *O Homem; uma Introdução à Antropologia*. Tra-

dução de Lavinia Vilela (1943); N. S. B. Gras, *Introdução à História Econômica*. Tradução de Lavinia Vilela (1943); R. M. MacIver, *O Estado*. Tradução de Mauro Brandão Lopes e Asdrúbal Mendes Gonçalves (1945); L. L. Thurstone, *Noções Básicas de Estatísticas*. Tradução de Maria A. M. Kerbeg (1945); Everett Stonequist, *O Homem Marginal; Estudo de Personalidade e Conflito Cultural*. Tradução de Asdrúbal Mendes Gonçalves (1948); Donald Pierson (organizador), *Estudos de Ecologia Humana* (1948); Donald Pierson (organizador), *Estudos de Organização Social* (1949); Robert Redfield, *Civilização e Cultura de Folk, Estudo de Variações Culturais em Yucatan*. Tradução de Asdrúbal Mendes Gonçalves (1949); Edwin H. Sutherland, *Princípios de Criminologia*. Tradução de Asdrúbal Mendes Gonçalves (1949); e William Graham Sumner, *Folkways: Um Estudo Sociológico dos Costumes*. Tradução de Lavinia Vilela (2 tomos, 1950).

Durante todo o tempo que permaneceu em São Paulo, manteve, na revista *Sociologia*, uma seção que, geralmente, preenchia com artigos seus.

Em 1948 quando a Escola de Sociologia e Política adquiriu a revista, um dos diretores, Romano Barreto, deixou a função e, a convite de Emílio Willems, assumi o lugar, ao lado dele. Dois anos mais tarde, quando Willems se transferiu definiti-

vamente para os Estados Unidos, Pierson ficou em seu lugar.

PESQUISA

Em todo o seu ensino, uma das grandes preocupações de Pierson era afeiçoar o aluno ao trabalho de pesquisa. Não apenas ensinava teoricamente métodos e técnicas; não apenas levava os alunos a lerem e discutirem artigos e livros resultantes de pesquisa de campo; mas trabalho, em tarefas crescentes que iam da coleta de dados através de entrevistas à elaboração e aplicação de questionários, ao aproveitamento do trabalho de campo e à redação final, sem faltar, evidentemente, a escolha do problema e o planejamento da investigação de campo depois do contacto com a bibliografia já existente. Treinava-os em trabalhos seus, isto é, dêle, e depois os orientava nos que resolviam executar como teses de mestrado ou simplesmente para oferecer à publicação.

Realizou várias sondagens, na cidade de São Paulo, que publicou como artigos na *Revista do Arquivo Municipal*.

Mobilizou uma equipe de uma dúzia de alunos para o estudo de uma comunidade do Interior do Estado de São Paulo, originalmente publicado sob o título de *Cruz das Almas, a Brazilian Village*. Washington, D. C., Smithsonian Institution, Institute of Social Anthropology, 1951 (Pub. n.º 12).

Dirigiu um programa de pesquisa, compreendendo uma série de comunidades, ao longo de todo o vale do Rio São Francisco, sob o patrocínio da Comissão de Desenvolvimento dessa área. Dêsse programa participaram Fernando Altenfelder Silva, Esdras Borges Costa, Octávio da Costa Eduardo, Cândido Procópio Ferreira de Camargo, Alceu Maynard Araújo e outros, tendo sido publicadas diversas monografias.

CONSULTA PESSOAL

Professôres, pesquisadores, estudantes, intelectuais, em geral, tanto de São Paulo como de outros pontos do País, constantemente o procuravam, buscando sua orientação em pesquisa, na cobertura de bibliografia, na formulação de problemas, ou sua apreciação de trabalhos já realizados. A todos êle atendia com paciência e, ao mesmo tempo, com uma franqueza que logo se fêz conhecida, pois não fazia elogios gratuitos nem deixava de apontar lacunas e erros, porém, fazendo-o sempre com espírito construtivo.

A CORRESPONDÊNCIA

Mantinha um fluxo diário de correspondência tanto com o exterior como com pessoas de diferentes pontos do País. Grande parte dessa correspondência constituía uma espécie de prolongamento da atividade de consulta acima descrita: enviava pareceres, respostas a perguntas específicas, indicações bibliográ-

ficas, a quem quer que lhe dirigisse tal solicitação. Tôda a carta que chegava era imediatamente colocada em sua agenda de respostas e respondia uma a uma, religiosamente.

Certa vez, como tinha um círculo de correspondentes assíduos, em vários pontos do País, todos especificamente interessados em Sociologia, escreveu uma carta coletiva (em relação aos destinatários), em que tratava de assuntos de interesse de todos e os apresentava uns aos outros. Estabeleceu, assim, um grupo de pessoas dispersas, que passaram a se interessar umas pelas outras. Pertenci a êsse grupo, que incluía umas 15 pessoas, e somente com o decorrer do tempo, à medida que vinham a São Paulo ou que eu viajava para outros pontos do País, fui conhecendo-as pessoalmente. Eram quase todos bem jovens, na época, e quase todos se vieram a projetar como professôres ou pesquisadores nas ciências sociais.

O TRABALHO ORGANIZADO

Para Pierson, o trabalho do professor e pesquisador era uma espécie de artesanato que exigia uma aplicação diuturna e um aperfeiçoamento constante. Todo o tempo útil tinha que ser aproveitado, numa tarefa ou noutra. Para êle, não havia dia com inspiração ou sem inspiração: havia um programa de trabalho diante de si e tinha que cumpri-lo. Tinha uma noção nítida de suas próprias tarefas e

das que deveria atribuir a cada auxiliar. Trabalhava e fazia trabalhar, de modo coordenado.

Nada improvisava. As próprias aulas ou eram redigidas inteiramente, como *lectures*, ou minuciosamente esquematizadas, de modo que facilmente podia transformá-las em artigos e, posteriormente, em livros.

Programava tudo com antecedência e tudo documentava à medida que as atividades se sucediam. E tudo arquivava. Salvo algum lamentável acidente,

estou certo de que mantém consigo um arquivo completo de toda a correspondência recebida e enviada, enquanto permaneceu no Brasil, assim como a documentação de todas as atividades em que se envolveu. Lembro-me de ter ouvido dêle, certa vez, que, como pesquisador, estava prevendo as necessidades do futuro pesquisador que quisesse estudar o processo de recepção da Sociologia que se desenvolvera nos Estados Unidos, pelo Brasil.

ORACY NOGUEIRA